

# AMOR E ÓDIO DAS ORGANIZADAS JÁ MATARAM 40 PESSOAS EM SERGIPE

**Futebol fraco, violência forte: Ministério Público, Polícia e Justiça têm, ao longo dos anos, uma trabalhadeira extra para domar a fúria das torcidas organizadas que matam. Em vão**

■ José Antônio Correia Santos, de 33 anos, conhecido por Mago, saiu de casa, de bicicleta, no dia 2 de maio deste ano e não mais voltou. Pedalava pela Avenida Walter Antônio Couto Bonfim, a chamada Rota de Fuga, ao lado do muro do aeroporto, próximo ao Bairro Santa Maria, quando dois homens, de moto, se aproximaram dele, disparando tiros. José Antônio morreu de imediato ali mesmo, jogado em via pública. Ele deixou um filho de oito anos, mulher, dois irmãos e a mãe, Maria Fátima Santos, de 54 anos.

Na casa humilde, na Rua Doutor Bezerra de Menezes, onde parte da família mora, José era o único que trabalhava de carteira assinada. Em uma pasta verde, já gasta, Maria Fátima guarda as fotografias do filho, agora única lembrança dele. Com um presentimento ruim no dia anterior, 1º de maio, a mãe perguntou ao filho: "Você vai para o campo pra quê? Não sei o que você vai fazer lá".

Calado, ensimesmado, José Antônio não deu ouvidos. Integrante da Torcida Esquadrão Colorado - TEC - (vinculada ao Sport Clube Sergipe), ele foi ver o jogo entre Sergipe e Confiança, e brigou no es-

ta de poder e as eternas brigas entre as torcidas organizadas.

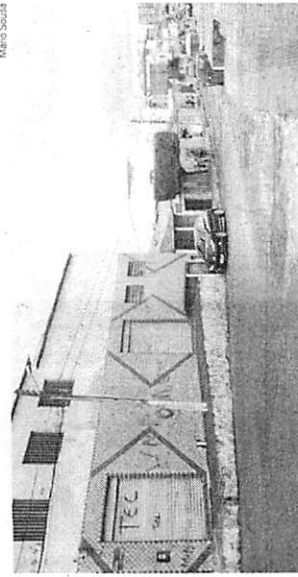
Para os parentes de José, a polícia argumenta ser quase impossível achar o culpado, pois o crime foi em via pública, e não há provas o suficiente que liguem esse caso a brigas entre torcidas. No processo, consta que José, constantemente, se reunia com grupos de torcidas organizadas, em eventos promovidos nas imediações do Colégio Santa Tereza, ali mesmo onde foi morto. O inquérito policial ainda está em andamento. Mas a história de José Antônio Correia Santos é parecidíssima com outras tantas com o final nada feliz.

Em 8 de maio de 2012, Michael de Jesus Santos, o Bebê, foi assassinado no Bairro Suíça, no cruzamento da Rua Aquidabã com a Avenida Edézio Vieira de Melo, antiga Avenida Explosão. O lugar é "famoso" por ser área limítrofe entre torcidas organizadas e facções delas, muitas vezes lideradas por gangues de tráfico e usuários de crack. No local do crime, ninguém quis falar, mesmo conhecendo o caso e tendo presenciado os fatos. "A gente evita comentar por medo", diz o funcionário de uma padaria do bairro. Os comerciantes até já orientam



Mário Souza

Integrantes de torcidas organizadas: animação nos estádios, criminalidades fora deles



Mário Souza

Cruzamento da Rua Aquidabã com Avenida Edézio Vieira de Melo: local do assassinato de Michael de Jesus Santos



ESTADO DE SERGIPE  
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA

CINFORM

www.cinform.com.br



Aracaju - SE, 9 a 15 de setembro de 2013, Ano XXX, Edição 1587

MPSE - há quase dez anos tece uma linha de raciocínio para esses crimes. "Os integrantes desses grupamentos agem assim porque são estimulados pela certeza da impunidade e pela garantia do anonimato, acobertados pelo manto protetor de uma pseudopersonalidade, que sequer sabe de sua oficial existência", explica o promotor do MPSE, Dejair Jomas.

Mas, desde 2004, quando os assassinatos começaram a ocorrer intensivamente e

A tal isca, o Taif, foi morto no dia do enterro de Michael. O caso de Michael ainda está em andamento.

Escondidos, no anonimato, os grupos de torcedores organizados sempre se posicionam no mundo da clandestinidade. Nas ruas de Aracaju, no Luma-rão, em alguns locais do Luzia, na Explosão e no Bugio, é fácil visualizar pichações com símbolos e de "comandos" de torcidas. Vira e mexe, o grupo contrário faz um risco em cima do símbolo, para representar e